Maria de Fátima Costa
Pablo Diener

Bastidores da Expedição Langsdorff

entrelinhas

© 2014. Maria de Fátima Costa e Pablo Diener. Todos os direitos desta edição reservados para Entrelinhas Editora.

Editora Maria Teresa Carrión Carracedo

Transcrição e tradução dos documentos Maria de Fátima Costa
Pablo Diener
(com a colaboração de Peter Billaudelle e Anna Depiak)

Reprodução fotográfica Pablo Diener

Design Gráfico Maike Vanni

Revisão Henriette Marcey Zanini

Produção Gráfica Ricardo Miguel Carrión Carracedo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Costa, Maria de Fátima
Bastidores da expedição Langsdorff / Maria de Fátima Costa, Pablo Diener. -- Cuiabá, MT : Entrelinhas, 2014.

Bibliografia.
ISBN 978-85-7992-061-5

1. Brasil - Descrição e viagens 2. Brasil - História - Século 19 3. Langsdorff, Georg Heinrich von, Barão de Langsdorff, 1774-1852 - Viagens - Brasil I. Diener, Pablo. II. Título.

14-00609 CDD-918.104

Índices para catálogo sistemático:
1. Expedição Langsdorff : Brasil 918.104

entrelinhas

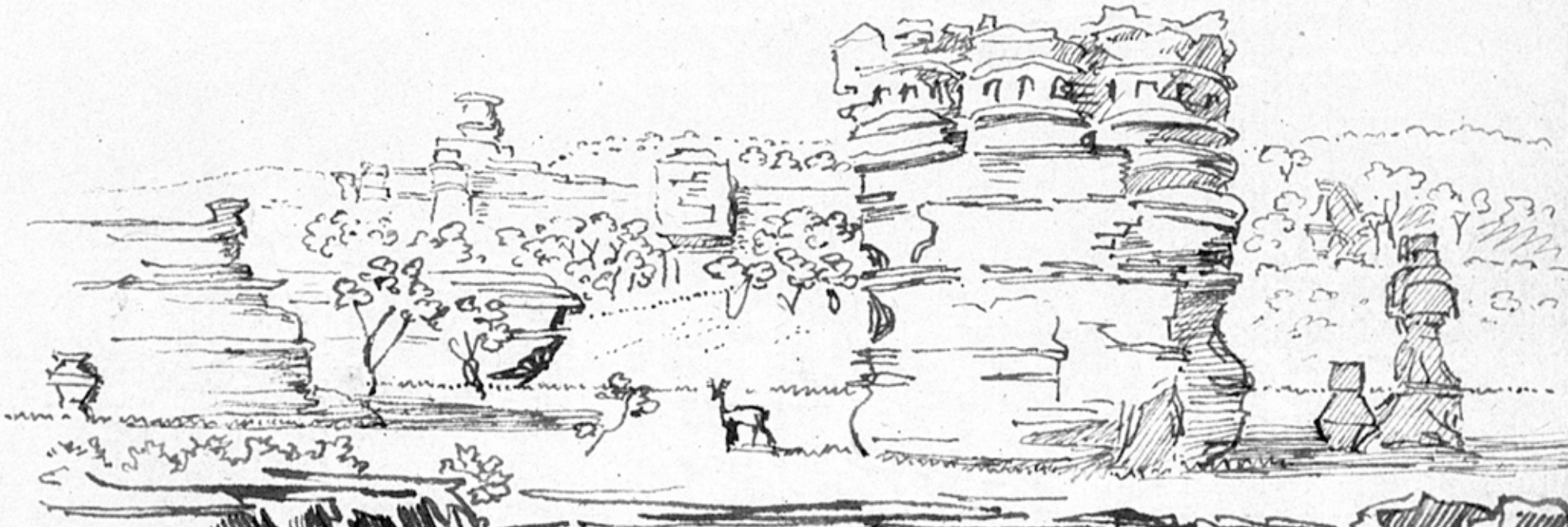
Av. Senador Metello, 3773, Jardim Cuiabá | Cuiabá-MT – Cep 78.030-005
Tel. (65) 3624 5294 / 3624 8711
editora@entrelinhaseditora.com.br | www.entrelinhaseditora.com.br

Navigare necesse est,
vivere non necesse.

(Frase atribuída a Pompeu por Plutarco
em *Vidas Paralelas*)

A Dieter Strauss, amigo e
companheiro de bastidores.

2e Vue



Ciência e Paixão no Brasil
A Expedição Langsdorff

*Rafael Sagredo Baeza**

Bastidores da Expedição Langsdorff, dos historiadores Maria de Fátima Costa e Pablo Diener, aborda os percalços de uma empresa científica com características que a transformam num objeto de estudo muito representativo da modalidade de ciência que se vinha fazendo a partir do Século das Luzes. Ao contrário do que se poderia crer em virtude das características de seus protagonistas – cientistas preparados para aplicar "objetivamente" o método que lhes é próprio e afrontar os desafios impostos pela exploração de territórios desconhecidos e ambientes desafiadores –, já na sua origem a empresa esteve marcada por subjetividade, paixões e desconfortos dos sujeitos que lhe deram forma. Isto terminou definindo o seu trágico destino.

Através de uma seleção de documentos gerados pela expedição que adentrou no território brasileiro em 1824, introduzidos por textos interpretativos e explicativos, os autores oferecem uma perspectiva original: o dia a dia de uma empresa científica europeia em território americano. Desde a gestação da viagem, por iniciativa do naturalista de origem prussiana Georg Heinrich von Langsdorff, passando pela organização e formalidades próprias deste tipo de comissão – considerando também as alternativas da viagem e a convivência entre seus numerosos integrantes –, até o verdadeiro fracasso do projeto, desfilam os bastidores da viagem através das fontes selecionadas e da informação oferecida.

p. 6

Hercule Florence. Diário da viagem: página com o desenho a nanquim de vistas dos rochedos da Chapada dos Guimarães, Mato Grosso, 1825-1829 (Detalhe)
Arquivo da Academia das Ciências de São Petersburgo

* *Rafael Sagredo Baeza*, historiador, é professor da Pontifícia Universidade Católica do Chile e Diretor do Centro de Investigaciones Diego Barros Arana da Biblioteca Nacional do Chile.

Encabeçada por Langsdorff, e sob a proteção do "Czar de todas as Rússias", esta empresa reuniu um conjunto de especialistas, entre botânicos, zoólogos, geógrafos e artistas, provenientes da Rússia, Alemanha e França, auxiliados por brasileiros, isto é, ao estilo de algumas das principais expedições ilustradas, como a encabeçada por Alessandro Malaspina entre 1789 e 1794. Trata-se, pois, de uma empresa multidisciplinar e internacional, na qual os interesses relacionados com a necessidade de expandir o conhecimento e aproveitar as riquezas naturais americanas diluíram a nacionalidade de seus componentes.

O ambicioso projeto teve como objetivo explorar o interior do Brasil, estudar o meio natural, realizar observações astronômicas e geográficas, e documentar e representar visualmente o observado durante o longo périplo, que pretendeu abranger desde o território de Minas Gerais até os confins das bacias do rio Paraguai e do Amazonas. São estes, pois, os fins próprios de uma empresa científica que, não obstante, nessa ocasião não prosperou.

Na sua concepção, objetivos e práticas, a Expedição Langsdorff, como uma empreitada da ciência ilustrada, inclui a relação com as autoridades do país que acolheria a iniciativa científica. E assim o deixam ver os documentos aqui reproduzidos. Contudo, o que levou ao fracasso foi precisamente essa afinidade com o que então se supunha como próprio de uma empresa naturalista e a rigidez de um modelo europeu aplicado reiterada e exitosamente ao longo do século XVIII; efetivamente não foi considerada a particular, difícil e desafiante realidade natural dos trópicos no espaço interior do Brasil. Porém, sob a nova situação política das antigas colônias americanas – agora estados independentes –, as instituições e, portanto, os patrocínios, apoios e recursos não funcionavam como a organização da expedição esperava. Todas as circunstâncias não só dificultaram a marcha da comitiva de naturalistas e artistas, mas, simplesmente, a fizeram insustentável.

Como agudamente explicam Costa e Diener, à medida que os expedicionários adentravam na bacia do rio Paraguai mais se distanciavam do mundo por eles conhecido, ficando longe de suas referências fundamentais, de seus usos e costumes, da realidade cultural e natural que lhes era própria. Questões como a falta de privacidade, de intimidade, para só citar um exemplo relacionado com a vida cotidiana dos viajantes, criaram conflitos impossíveis de superar, que foram minando as relações entre os expedicionários. Estes se viram envolvidos em uma tensão constante, que terminou por afetar a convivência, fazendo inviável a finalização da empresa.

Falta de provisões e de meios, padecimentos de todo tipo e enfermidades que levaram à desesperação e inclusive à morte de um dos integrantes da expedição, além do estado de loucura em que acabou o próprio Langsdorff, são realidades eloquentemente refletidas nos documentos publicados neste livro. Não é que seu promotor fosse incompetente na orga-

nização da viagem; simplesmente, pela própria origem do projeto e pelas características de seus integrantes – agora sabemos –, a empresa estava condenada. E a tudo isto se somaram os desafios impostos por uma natureza tropical, com a qual, finalmente, os europeus não conseguiram conviver.

Esta obra adentra no lado humano da expedição; evidenciam-se assim novas causas para explicar o malogrado fim da empresa. Em primeiro lugar, a situação do próprio Langsdorff, quem desde 1813 estava investido do cargo de cônsul no Rio de Janeiro e, paralelamente, se havia tornado fazendeiro; isto impunha-lhe obrigações e gerava interesses que não podia descuidar por períodos muito prolongados, como efetivamente ocorreu durante a viagem, que ocasionalmente abandonou para atender seus próprios negócios e assuntos.

Sua personalidade, claramente pouco apta para as relações pessoais com subordinados, levou-o a estar sempre em conflito: primeiro com o pintor Rugendas, e mais tarde com outros membros da equipe. Algumas das suas decisões, como a de fazer-se acompanhar pela jovem esposa, também conspiraram. A presença de Guilhermina – uma situação inédita nas empresas científicas da época – alterou a convivência no interior da comissão, e assim o deixam ver as cartas de alguns de seus integrantes, que não economizaram palavras para mostrar a paixão que sentiam por ela, com o natural aborrecimento de Langsdorff e o devastador efeito na expedição.

Os ciúmes, apreensões e problemas profissionais entre Langsdorff e seus colaboradores, particularmente com Rugendas e Taunay, também se deixaram sentir desde o início da viagem. Primeiramente isto se manifestou no âmbito daquilo que o barão pretendia dos seus pintores: um registro fiel do observado. Depois, por querelas pessoais alimentadas por uma convivência irremediavelmente perturbada. Razão têm os autores desta obra ao concluir, à luz de suas pesquisas, que a relação entre arte e ciência constitui um ponto central para compreender o infeliz fim desta empresa, pois, concretamente, os atores comprometidos tinham noções muito divergentes a respeito do papel dos artistas na empresa. Cabe assinalar, por exemplo, que Rugendas não aceitou jamais a submissão a Langsdorff e, menos ainda, deixar de construir representações artísticas em benefício de um simples registro da realidade natural.

Porém o barão não só esteve em discórdia permanente com seus companheiros, entre outras razões, por seu desejo de fama, originalidade e glória. Os documentos mostram também seu desgosto com o ambiente geográfico e a realidade cultural pela qual transcorreu sua viagem. Constantemente irritado com os mosquitos, o sabor da água, a terra, e o comportamento dos indígenas, dos negros e das autoridades; de fato, ansiava regressar ao mundo do qual provinha. A um fio de cair na alienação escreveu "Não posso mais" – um eloquente testemunho do que havia sido a empresa que liderava.

Os percalços da expedição conduzida por um líder autoritário e incapaz de dialogar com seus subalternos, os quais, por sua vez, também não estão isentos de responsabilidade nesta falida empresa, incluem divisões, suspensões, abandonos, pesares, sacrifícios e mortes. Para alguns "uma verdadeira epopeia! Mas, epopeia de dor, de desalento, do abandono, de luta diária contra os elementos conjurados! E coroada por uma catástrofe sem igual!", como observou Estevam Bourroul, citado pelos autores deste livro.

Tanto as expectativas originais como o destino trágico da Expedição Langsdorff se constatam claramente na documentação reunida em *Bastidores da Expedição Langsdorff*, fruto de uma árdua travessia investigativa realizada por Maria de Fátima Costa e Pablo Diener. Nele fica exposta a desmesura de uma empresa que não ponderou a realidade natural e social com a qual se enfrentaria; o desequilíbrio físico e moral de seu líder; as diferenças de hierarquia social entre os seus integrantes; a desmedida autoestima de alguns dos seus participantes; os vai e vem que sofreram as relações pessoais no interior do grupo; as desavenças, as antipatias mútuas, cruzadas e constantes; o espírito romântico de uns, a racionalidade de outros; a frivolidade, os costumes levianos que se atribuem a alguns; os amores e desamores de Guilhermina com seu marido e com Taunay; as querelas, os ciúmes e as paixões que foram desfazendo uma empresa que, concebida à luz da razão, terminou consumida pela paixão de seus integrantes. Todos, cientistas ou artistas, sujeitos racionais e profissionais, porém, ao fim e ao cabo, homens e mulheres que, em meio à natureza implacável, simplesmente sucumbiram aos seus impulsos.

p. 17

Aimé-Adrien Taunay. Cachoeira do Inferno (Véu de Noiva) em Mato Grosso, 1827.

Sumário

13 Preâmbulo

19 Instantâneos incompletos: esboços de bastidores

61 Em torno dos documentos

77 Organizando uma viagem científica

97 Aspectos formais de uma Expedição

115 Viajando nos bastidores

135 Digressão de bastidores: uma mulher na viagem

145 Encontros da Ciência em viagem

157 Finalizando

163 Personagens dos bastidores

167 Documentos

171 Bibliografia

Août 1826
Chute du Paraná, dite Salto de Urubapúng

Preâmbulo

A ideia de escrever um livro sobre o dia a dia vivido por Langsdorff e seus companheiros de viagem nos ocorreu em abril de 1995 quando, a convite do Instituto Goethe de São Paulo, refazíamos parte do antigo roteiro realizado pela grande expedição russa. Éramos, então, uma equipe numerosa, uma caravana com artistas – um russo, dois alemães e dois brasileiros –, fotógrafos, cientistas e funcionárias do Goethe, todos comandados por Dieter Strauss, na ocasião diretor do instituto alemão. Estávamos empenhados em dar forma ao projeto *Langsdorff: o Brasil de hoje no espelho do século XIX,* que, além da expedição, realizaria uma grande exposição de arte e a publicação de um livro-catálogo. E, de fato, logo depois montamos, inicialmente no MASP – São Paulo, e depois na Sala Athos Bulcão – Brasília, na Casa França-Brasil – Rio de Janeiro e no Museu Metropolitano de Curitiba, a grande mostra que recebeu o nome do projeto, e também publicamos, pela editora Estação Liberdade, o livro que hoje se encontra em quarta edição.

Mas, naquela aventura, não andamos nem com tropas de mulas nem em igarités; a viagem foi quase toda terrestre, excetuando um trecho no rio Araguaia. Saindo de São Paulo, refizemos parte do roteiro original por Minas Gerais e Mato Grosso; e pensando no *Brasil de hoje*, se incluiu Brasília, a nova capital brasileira, e trechos de Goiás para chegar por terra a Cuiabá. Sem lugar a dúvida, tivemos muito mais comodidades e facilidades que os exploradores cujos passos tentávamos seguir.

Em meio à viagem de final do Novecentos, tal como no seu *Espelho do século XIX*, afloraram conflitos. Entretanto, à diferença de Langsdorff, nosso chefe Dieter – um homem com muito humor – soube driblar as diversidades. Numa dessas contendas foi que, estando entre Goiás e Mato Grosso, a expedição se dividiu em duas colunas; nós, junto com o artista Carlos Vergara, que viajava com sua esposa, e o biólogo Jader Marinho-Filho, nos adian-

p. 12-13

Aimé-Adrien Taunay. Cachoeira do Paraná, denominada Salto de Urubupungá (v. Prancha 19)

tamos e, em meio à viagem num ônibus de carreira, refletimos sobre as questões de bastidores. Foi então que nos ocorreu reunir documentos e tratar do difícil cotidiano vivido em trânsito por Langsdorff e companheiros. A editora da UFMT comprou nossa ideia e, como mais um dos resultados do projeto *Langsdorff*, em novembro de 1995 lançamos o pequeno livro que intitulamos ***Viajando nos Bastidores. Documentos de Viagem da Expedição Langsdorff***, hoje esgotado.

Nos quase vinte anos, desde essa publicação, mesmo em meio a outros projetos, continuamos pesquisando o acervo da Expedição Langsdorff, sempre "descobrindo", transcrevendo e traduzindo documentos. Muitos deles foram levados às nossas aulas e discutidos com alunos de graduação e de pós-graduação da UFMT e da UFRGS. E é este material, somado ao que compôs o ***Viajando nos Bastidores,*** que agora dá corpo a este novo ***Bastidores da Expedição Langsdorff***. Se na obra anterior havia oito, agora temos vinte e dois documentos, antecipados por comentários e análises contextuais.

Figura 1

G.H. von Langsdorff. Desenho de um Tamanduá. Página do Diário de Langsdorff, correspondente a 25/11/1824.

Em algumas partes conservamos questões anteriormente estudadas, mas a estas se acrescentaram muitas outras. Pois, de fato, nestes últimos quinze anos chegamos a conhecer mais de perto aqueles intrépidos viajantes. E aqui nos empenhamos em descortinar o lado mais humano desses artistas e naturalistas. Debruçados sobre seus papéis, procuramos, mais do que nunca, saber por que esta grande expedição foi tão duramente malograda.

Para tanto, na construção deste novo livro nos detivemos mais atentamente na segunda etapa da viagem, e nos empenhamos em refletir o grau de excitação própria do espírito viageiro, como se por essa via pudéssemos nos incorporar àquela caravana. Para sua estrutura, observamos diferentes momentos de uma viagem científica, que traduzimos em quatro capítulos temáticos, tentando fugir, assim, da rígida ordenação cronológica.

O primeiro, **Organizando uma viagem científica**, traz cartas de Langsdorff e de Riedel, assim como escritos de um importante interlocutor nas instâncias do poder e da administração no Brasil, tratando de questões práticas destinadas a viabilizar a expedição. No segundo, **Aspectos Formais de uma Expedição**, publicamos documentos que têm conotações administrativas, tais como a contratação de Ménétriès e Rugendas, a demissão deste último, um escrito de Taunay encaminhando a entrega de trabalhos e uma portaria de salvo-conduto autorizando o trânsito pelo território brasileiro. Para o terceiro capítulo, **Viajando nos Bastidores** – que consideramos o coração deste livro –, escolhemos cartas de Langsdorff e Taunay que nos permitem ouvir os murmúrios da caravana em rota. Incluímos neste capítulo uma **Digressão**, com comentários aferidos a partir do conjunto documental sobre a presença de Wilhelmine von Langsdorff, na viagem fluvial de Porto Feliz a Cuiabá; esta personagem, mais que qualquer outra, é uma emblemática figura que só ganha contornos próprios quando se adentra no universo interior da caravana em viagem. Finalmente, no último capítulo, que denominamos de **Encontros da Ciência em Viagem**, procuramos desvelar alguns dos canais de comunicação e relacionamento daquela empresa e de seus membros com a sociedade anfitriã, assim como os contatos com outros projetos de exploração naturalista no Brasil; para isso nos valemos de escritos do presidente da Província de Mato Grosso e de uma carta do zoólogo austríaco Johann Natterer.

Cada uma destas quatro partes tem uma introdução de caráter temático e, precedendo os documentos – às vezes individualmente, outras, por grupos de conteúdos afins –, comentários, dimensionando-os e analisando-os no contexto da expedição.

Antecipando estes capítulos, trazemos, sob o título de **Entorno dos Documentos,** um estudo introdutório de caráter geral sobre o universo da expedição e dos seus personagens, analisando e interpretando o conjunto documental de maneira ampla e contextual.

Quanto à origem dos documentos aqui reunidos, são papéis – em sua maioria, manuscritos – procedentes de arquivos de São Petersburgo, cuja Academia das Ciências guarda o acervo daquela viagem; de Cuiabá – a derradeira capital visitada por Langsdorff e seus companheiros –, além de uma carta pertencente à coleção particular da família Florence, em São Paulo. Optamos por incluir também três cartas que já tinham sido dadas a conhecer ao público anteriormente, uma em Paris, as outras duas no Brasil, entre o final do século XIX e início do XX.

Todos os documentos estão publicados em texto integral. Trabalhamos com originais em francês, alemão e português, e tivemos em mãos papéis que tanto apresentavam conteúdos finalizados como rascunhos de ideias. Ao transcrevê-los, esforçamo-nos por manter todas as características que o texto apresentava. Nas traduções procuramos observar também a expressividade da língua, vertendo-a a formulações portuguesas que fossem o mais próximo possível do original.

Devido à própria diversidade de um conjunto de documentos tão diferentes entre si, o tratamento dado durante a transcrição foi visto caso a caso; nos respectivos comentários introdutórios indicamos a regra ali adotada e ainda os tipos de interferências, quando se fez necessário. No geral, as nossas intervenções estão postas entre colchetes; na maior parte dos escritos em português apenas atualizamos a ortografia das palavras e, quando nos pareceu procedente, desdobramos as abreviaturas.

p. 19

Hercule Florence. Diário da viagem: página com o desenho a nanquim de uma vista dos rochedos da Chapada dos Guimarães, Mato Grosso, 1825-1829 (Detalhe)
Arquivo da Academia das Ciências de São Petersburgo

Por último, queremos registrar aqui o apoio que recebemos de pessoas e instituições. Renovamos nossos agradecimentos àqueles que nos ajudaram na edição do ***Viajando nos Bastidores,*** em 1995, em especial ao Instituto Goethe de São Paulo, ao Arquivo Público de Mato Grosso, ao Prof. Elias Andrade, da UFMT, e ao artista plástico Bené Fonteles. A estes, queremos somar a contribuição dos nossos alunos de graduação e pós-graduação, reconhecendo que algumas das formulações aqui reunidas surgiram do diálogo que mantivemos com eles em sala de aula.

Os autores,
Cuiabá, dezembro de 2012.